

Um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja **«Uma casa para muitos, uma Mãe para todos» (EG 288)**

Introdução

Grande é a alegria de evangelizar como Maria, primeira peregrina da fé, e com Ela ousar transmitir: «*Fazei o que Ele vos disser*»¹. Estas palavras constituem, com efeito, um programa de vida cristã.

À semelhança de Maria, a Igreja «*pela pregação e o Batismo, gera, para a vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus*»², para que todos cheguem à plenitude da sua vocação.

Maria aponta sempre para Jesus e é a sua porta-voz. Ela existe para mostrar Deus a todas as gerações. Ficar só na devoção a Maria é desconhecer e traiçoar a sua missão. Como Ela e com Ela há que passar aos sacramentos, à Palavra de Deus, à Igreja, aos irmãos. A devoção mariana é uma característica evidente da fé cristã nas pessoas do Nordeste Transmontano. O Povo Santo de Deus aprendeu e não perde o gosto de peregrinar aos santuários marianos, vendo em Maria «*a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida*»³.

Recorda-nos ainda o Papa Francisco: «*Há um estilo mariano na actividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afecto. Nela vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes*»⁴.

Por isso, neste Ano Litúrgico-pastoral propomos a alegria de evangelizar como Maria, acolhendo fielmente a arte mistagógica de Maria que nos coloca no caminho de Jesus Cristo para vivermos com Ele e como Ele.

Efetivamente, Maria «*no banquete de Caná estava presente não tanto como convidada, mas sobretudo como um olhar vigilante e atento, como uma mulher atenciosa e interessada pelos outros, nada preocupada consigo mas pronta a perceber os diversos*

¹ Jo 2, 5.

² *Lumen Gentium* 64.

³ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 286.

⁴ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 288.

aspectos da situação; a sua, é uma percepção de empatia e sintonia com os problemas alheios» (C. Martini). Todavia, a intervenção de Maria afirma-se sempre na centralidade de Jesus: *«fazei o que Ele vos disser»*.

1 Maria no mistério de Cristo e da Igreja

O texto bíblico do Evangelho de S. João (Jo 2,1-12), que serve de guião e de GPS para este Ano Mariano, insere-se na semana inaugural da manifestação de Jesus aos discípulos, três dias depois do encontro com Filipe e Natanael, como refere o texto: *«No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia»*, e sete dias a seguir ao primeiro testemunho de João Baptista sobre Jesus, (cf. Jo 1,19-51). Caná é uma metáfora do constante serviço de compaixão que a Igreja é chamada a realizar a toda a humanidade e a cada pessoa.

A certa altura o vinho faltou e Maria disse a Jesus: *«não têm vinho»*. Estranhamente, Jesus responde: *«Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora»*. O título ‘Mulher’ é repetido na hora da Cruz *«Mulher, eis o teu filho!»* (Jo 19,26), interpretando teologicamente, Maria, a Esposa do Senhor e Mãe da Igreja evangelizadora.

A resposta de Jesus parecendo estranha, pretende dizer que, enquanto Maria pensa no vinho da festa, Jesus pensa na sua missão, agora inaugurada. Por isso, entre eles há uma certa incompreensão. A hora da realização final ainda não chegou, como se desenvolverá no evangelho joanino, ao aproximar-se a hora da paixão e morte na cruz – ponto culminante de todo o seu mistério e ministério pascal, a hora da manifestação da sua glória – onde Maria também está. Todavia, Jesus realiza o milagre, transformando a água em vinho, mas o vinho bom que Ele dá é um sinal do vinho messiânico da sua missão. Maria com confiança plena diz, então, aos serventes: *«Fazei tudo o que Ele vos disser»*. A hora de Maria coincide sempre com a hora de Jesus e ajuda a fé dos discípulos.

Maria participa da festa, serve, ajuda, come, bebe, conversa, mas está atenta às coisas e capta o sentido global de todas. Isto permite-lhe ver o que ninguém vê, como o caso do vinho. A atenção é a qualidade humana necessária e prévia ao caminho espiritual.

«Fazei o que Ele vos disser»: eis as últimas palavras de Maria no IV Evangelho, às quais podemos chamar de testamento de Maria. Nos Evangelhos são seis as vezes em que Maria fala, sempre em poucas palavras, exceptuando o cântico do Magnificat. Alguns autores dizem até que falou por setes vezes, sendo a sétima palavra, aquela junto à cruz,

a mais eloquente, porque brotou do silêncio⁵.

Agora vejamos como este imperativo mariano nos revela o mistério de Jesus. As palavras de Maria traduzem o seu Sim dado na Anunciação e convidam-nos a estar igualmente prontos a fazer o que Jesus Cristo nos pede, «*porque o homem encontra o seu verdadeiro bem em fazer a vontade de Deus*» (C. Martini).

Maria assume um serviço de mediação como Moisés. De facto, no Sinai, ao terceiro dia o Senhor revelou a sua glória a Moisés. Em Caná, ao terceiro dia Jesus revelou a sua glória, dando o vinho novo. Por outro lado, no Sinai Israel promete: «*quanto o Senhor disse, nós o faremos*» (Ex 19,8; 24,3.7); em Caná, Maria exorta os servos da mesa: «*fazei o que Ele vos disser*». Há muitos exegetas que ligam estas palavras, àquelas que Faraó disse aos egípcios quando lhe pediram pão nos anos de carestia: «*ide a José. Fazei o que ele vos disser*» (Gen 41,55). De qualquer modo, na óptica joanina, a inauguração da Nova Aliança realizou-se em Caná.

Como o Papa Francisco escreveu, em Caná: «*Temos uma Mãe de olhar vigilante e bom, como seu Filho; o coração materno e repleto de misericórdia, como Ele; as mãos que desejam ajudar, como as mãos de Jesus que dividiam o pão para quem tinha fome, que tocavam os doentes e os curavam. Isto enche-nos de confiança, fazendo-nos abrir à graça e à misericórdia de Cristo. A intercessão de Maria faz-nos experimentar a consolação, pela qual o apóstolo Paulo bendiz a Deus: “Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação! Ele nos consola em toda a nossa tribulação, para que também nós possamos consolar aqueles que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus. Na verdade, assim como abundam em nós os sofrimentos de Cristo, também, por meio de Cristo, é abundante a nossa consolação” (2 Cor 1, 3-5). Maria é a Mãe «consolada», que consola os seus filhos*».

O primeiro milagre de Jesus relaciona-se, intimamente, com a sua missão, no qual se testemunha que a glória divina está presente desde o início da vida pública de Jesus, antecipando a manifestação plena. O contexto é o da festa de um casamento em Caná da Galileia, onde estava a Mãe de Jesus, sendo, também, convidados ao banquete de núpcias, Jesus e os seus discípulos.

⁵ «*Sugestivamente os Padres da Igreja, ao contemplarem este mistério [palavra da Cruz], colocam nos lábios da Mãe de Deus esta expressão: “está sem palavras a Palavra do Pai, que fez toda a criatura que fala; sem vida estão os olhos apagados d’Aquele a cuja palavra e aceno se move tudo o que tem vida”. Aqui verdadeiramente comunica-se-nos o amor “maior”, aquele que dá a vida pelos próprios amigos (cf. Jo 15,13)*». MÁXIMO, o Confessor, in BENTO XVI, *Verbum Domini* 12.

Vários comentadores salientam que João define o milagre programático de Caná não simplesmente como o “primeiro”, mas também o “arquétipo”, ou seja, o “principal” dos prodígios realizados por Jesus. O substantivo *semeion* (sinal) ocorre 17 vezes no Evangelho de João.

Certamente que não se pode excluir um simbolismo eucarístico nesta narração das bodas de Caná, porque pela força da Eucaristia a Igreja experimenta na esperança as alegrias das bodas com Cristo.

A cena seguinte anda à volta das talhas, que se encham de água (600lt), com a colaboração humana. Estas talhas eram destinadas à purificação dos Judeus. A ineficácia dessa água é transformada pelo vinho novo. Em Caná, o milagre é em quantidade e qualidade. Esta abundância de água que está para ser transformada em vinho, reevoca a linha profética, (cf. Am 9,13-14; Os 14,7; Jer 31,12) que fala do vinho da alegria escatológica abundante no copo dos crentes.

Os servos das bodas são chamados diáconos, os amigos de Jesus. Na verdade, Ele próprio disse no mesmo Evangelho: «*Vós sereis meus amigos se fizerdes o que vos mando*» (Jo 15,14).

O mistério de Caná abre a epifania da glória de Cristo e mostra a sua missão, a razão do seu ministério como graça sobre graça. João oferece a sua interpretação essencial do mistério cristológico que, sob a imagem do casamento, representa a inauguração da Nova e eterna Aliança: «*Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n'Ele*». Não se trata de uma fé nascida do milagre, mas de uma fé que soube ler e compreender o milagre da novidade e abundância da bondade de Deus para os crentes. «*A rosa é sem porquê; floresce porque floresce, não cuida de si própria, não pergunta se a vemos*» (A. Silesius).

A imagem das núpcias foi usada muitos séculos antes de Cristo, por um profeta anónimo, que a Escritura conserva inserido na grande tradição de Isaías, que falou da salvação de Jerusalém: «*não mais te chamarão “Abandonada”, nem à tua terra “Deserta”, mas hão-de chamar-te “Predilecta” e à tua terra “Desposada”, porque serás a predilecta do Senhor e a tua terra terá um esposo...tu serás a alegria do teu Deus*» (Is 62, 1-5). O Senhor é, portanto, o esposo do seu povo. No tempo dos Patriarcas, a Aliança era descrita em termos de um pacto entre duas partes, de mútua conveniência e interesse. Posteriormente, os Profetas começam a falar de um pacto, uma relação mais forte, definido pelas imagens da aliança matrimonial, cujo fundamento é o amor.

A Igreja-esposa vê simbolicamente nas bodas de Caná a sua própria união

esposal com Cristo-esposo. Ele é o esposo, como se autodefiniu (cf. Mt 9,15; Mc 2,19; Lc 5,34). Cristo-esposo é um dos muitos modelos teológicos usados pelo Novo Testamento para indicar a relação íntima entre Cristo e a Igreja.

O vinho ocupa o centro da narração evangélica, onde é referido por 5 vezes. De facto, o vinho no mundo bíblico é símbolo da bênção abundante de Deus e símbolo do Reino que vem. O facto de não haver mais vinho no banquete significa que o Reino ainda estava longe. A intervenção da Mãe não é uma intercessão de salvação mas, mais que isso, é uma disponibilidade total de Maria à obediência, qual figura de Israel que acolhe as condições ainda desconhecidas da nova e definitiva aliança que Deus realiza em Jesus Cristo.

2 A suave e reconfortante alegria de evangelizar

Precisamos de novos evangelizadores para a Evangelização. Não podemos enfrentar os desafios de hoje com respostas de ontem. Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o documento pós-conciliar mais importante, segundo o Papa Francisco, somos interpelados pelo Beato Paulo VI: *«Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua para nós, como para João Batista, para Pedro e para Paulo, para os outros apóstolos e para uma multidão de admiráveis evangelizadores no decurso da história da Igreja, um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e deprimidos, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo»*⁶.

Evangelizar é a maior alegria da Igreja, que está sempre em caminho... Na verdade: *«não há nada de mais belo do que ser alcançado, surpreendido pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar aos outros a amizade com Ele»*⁷.

A Missa leva sempre à Missão!

⁶ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi* 80.

⁷ BENTO XVI, Homilia (24 de abril de 2005), *Acta Apostolicae Sedis* 97 (2005) 711.

3 Com(o) Maria

Estamos bem conscientes que o modelo perfeito da espiritualidade e do apostolado «é a bem-aventurada Virgem Maria, rainha dos Apóstolos: levando, na terra, uma vida semelhante à do comum dos homens, cheia de cuidados domésticos e de trabalhos, a todo o momento se mantinha unida a seu Filho e de modo singular cooperou na obra do Salvador; agora, elevada ao céu, “cuida com amor materno dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, peregrinam ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada”. Prestem-lhe todos um culto cheio de devoção e confiem à sua solícitude materna a própria vida e apostolado»⁸.

Maria, Vós sabeis que não podemos falar de Vós, pois sois demasiado grande! Vos pedimos que sejais Vós mesma a falar ao íntimo do nosso coração com a linguagem interior que somos capazes de entender quando Vós nos falais. Falai às crianças da nossa Diocese, com o mesmo brilho que adoçava o vosso olhar quando o Menino Jesus, desde Belém, crescia em sabedoria, em estatura e em graça (cf. Lc 2, 52). Falai aos jovens sobre a alegria íntima de dizer sim a Deus, quando anjos inesperados trazem d’Ele as anunciações mais desconcertantes! Falai às famílias daquela suave entrega que em Nazaré se fazia oração e trabalho, descanso e atenção ao outro, fortaleza e ternura. Falai às mulheres, às mães, às esposas, que trazem nas mãos toda a bondade que encontram no coração! Falai às pessoas consagradas do entusiasmo oblato, quando seguíeis o Vosso Filho bendito pelos caminhos austeros e felizes da missão; falai aos sacerdotes do odor e do fogo do Cenáculo, no calor da ceia, da oração ungida pelo Espírito Santo e da urgência jubilosa do envio; falai aos idosos, aos doentes e a todos os atribulados de uma esperança sempre acesa, vencendo as investidas da morte e do impossível. Obrigado, querida Mãe, por terdes sido a primeira peregrina da fé em Jesus Cristo, a quem nos gloriamos de pertencer por misericórdia do Pai no Espírito Santo.

Conclusão

1. Igreja é mãe e torna-se mãe pelo fiel acolhimento da Palavra de Deus⁹.
2. A maternidade espiritual de Maria

O Papa São João Paulo II, ao meditar este misterioso silêncio da escuta de Maria, disse em Fátima a 13 de Maio de 1991: «o Santuário de Fátima é um lugar privilegiado,

⁸ *Apostolicam Actuositatem* 4.

⁹ Cf. *Lumen Gentium* 64.

dotado de um valor especial: contém em si uma mensagem importante para a época que estamos a viver. É como se aqui, no início do nosso século, tivessem ressoado, com um novo eco, as palavras pronunciadas no Gólgota. Maria, que estava junto da Cruz de Seu Filho, teve de acolher uma vez mais a vontade de Cristo, Filho de Deus. Mas enquanto, no Gólgota, o Filho lhe indicava um só homem, João, Seu discípulo amado, aqui Ela teve de os acolher a todos. Todos nós, os homens deste século e da sua difícil e dramática história. Mãe do Redentor! Mãe do nosso século! Tu estás e permanecerás, porque o Filho Unigénito de Deus, Teu Filho, Te confiou todos os homens, quando ao morrer sobre a Cruz nos introduziu, no novo princípio de tudo quanto existe. A tua maternidade universal, ó Virgem Maria, é a âncora segura de salvação da humanidade inteira. Mãe do Redentor! Cheia de Graça! Eu Te saúdo, Mãe da confiança de todas as gerações humanas!»

O silêncio de Maria que estava de pé junto à cruz, é a “palavra”-síntese de toda a sua vida cheia de amor e esperança. Ela é mãe e crente. De facto, *«Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação. Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino»*¹⁰.

3. Evangelizar é a nossa alegria, como Maria. A Alegria é o fundamento da fé da Igreja.

Gostaria de concluir com as palavras do Papa Francisco: *«A relação com Nossa Senhora ajuda-nos a ter uma boa relação com a Igreja: ambas são Mães. Vós conheceis, acerca disto, o comentário de Santo Isaac, o abade da Estrela: o que se pode dizer de Maria pode dizer-se da Igreja e também da nossa alma. As três são femininas, as três são mães, as três dão vida. Por isso, é preciso cultivar uma relação filial com Nossa Senhora, porque, se esta falta, há algo de órfão no coração»*¹¹.

+ José Manuel Cordeiro

¹⁰ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 285.

¹¹ FRANCISCO, Discurso à comunidade do Pontifício Colégio Português em Roma, 8 de maio de 2017.